



***ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO (COPING) COM VÍTIMAS DE ABUSO
SEXUAL INFANTIL: REVISÃO DE ESCOPO***

***ESTRATEGIAS DE AFRONTAMIENTO (COPING) CON VÍCTIMAS DE ABUSO
SEXUAL INFANTIL: REVISIÓN DEL ALCANCE***

***COPING STRATEGIES WITH VICTIMS OF CHILD SEXUAL ABUSE: SCOPE
REVIEW***

Kamila Caroline Silveira Noronha¹

Consuelena Lopes Leitão²

Gisele Cristina Resende³

Breno de Oliveira Ferreira⁴

RESUMO

A experiência daqueles que foram expostos ao abuso sexual infantil conceitua-se como um evento estressor e, conseqüentemente, engloba a utilização de diferentes estratégias de enfrentamento. Isto é, esforços cognitivos e comportamentais que visem minimizar e modificar o modo de respostas do indivíduo às circunstâncias. Este estudo buscou identificar e discutir a utilização do *coping* por vítimas de abuso sexual infantil. Para tanto, foi realizada uma revisão de escopo, nas bases de dados do PubMed, PsycINFO e SciELO, selecionando-se 30 artigos ao final. Diante dos resultados, pessoas que foram abusadas sexualmente na infância desenvolveram preponderantemente padrões de enfrentamento desadaptativos, incluindo maior evitação, sintomas dissociativos, evitativos e autolesivos, uso de álcool ou múltiplas substâncias e comportamentos sexuais de risco. No entanto, ainda que em menor comparação, também possibilitaram desenvolvimento de estratégias adaptativas de enfrentamento, como resiliência,

¹ Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil.

² Doutora em Antropologia Social. Universidade Federal do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil.

³ Doutora em Psicologia, Saúde e Desenvolvimento. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

⁴ Doutor em Saúde Coletiva. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

religiosidade, diálogo de confiança com os profissionais de saúde, e apoio da rede familiar/social.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso Sexual Infantil. *Coping*. Estratégias de Enfrentamento. Revisão.

RESUMEN

La experiencia de aquellos que han estado expuestos al abuso sexual infantil se conceptualiza como un evento estresante y, en consecuencia, abarca el uso de diferentes estrategias de afrontamiento. Es decir, esfuerzos cognitivos y conductuales dirigidos a minimizar y modificar la forma en que el individuo responde a las circunstancias. Este estudio tuvo como objetivo identificar y discutir el uso del *afrontamiento* por parte de las víctimas de abuso sexual infantil. Para ello, se realizó una revisión de alcance en las bases de datos de PubMed, PsycINFO y SciELO, seleccionando 30 artículos al final. En vista de los resultados, las personas que fueron abusadas sexualmente en la infancia desarrollaron patrones de afrontamiento predominantemente adaptativos, que incluyen una mayor evitación, síntomas disociativos, evitativos y autolesivos, consumo de alcohol y múltiples sustancias y comportamientos sexuales de riesgo. Sin embargo, aunque en una comparación menor, también permitieron el desarrollo de estrategias de afrontamiento adaptativas, como resiliencia, religiosidad, diálogo de confianza con profesionales de la salud y apoyo de la familia/red social.

PALABRAS-CLAVE: Abuso sexual infantil. *Coping*. Estrategias. Revisión.

ABSTRACT

The experience of those who have been exposed to child sexual abuse is conceptualized as a stressful event and, consequently, encompasses the use of different coping strategies. That is, cognitive and behavioral efforts aimed at minimizing and modifying the way the individual responds to circumstances. This study aimed to identify and discuss the use of *coping* by victims of child sexual abuse. For this, a scope review was performed in the databases of PubMed, PsycINFO and SciELO, selecting 30 articles at the end. In view of the results, people who were sexually abused in childhood developed predominantly unadaptive coping patterns, including increased avoidance, dissociative, avoidant and self-harming symptoms, alcohol use and multiple substances and risky sexual behaviors. However, although in a smaller comparison, they also allowed the development of adaptive coping strategies, such as resilience, religiosity, trust dialogue with health professionals, and support from the network.

KEYWORDS: Child Sexual Abuse. Coping. Coping Strategies. Revision.

* * *

Antes de fazer grandes discursos contra a violência, é necessário aprender a transformá-la em si mesmo. Muitas vezes, são os nossos pensamentos que são violentos, nossos julgamentos. E é um longo caminho aprender a doçura.

Jean-Yves Leloup

Introdução

O abuso sexual infantil é todo ato ou jogo sexual, homo ou heterossexual, que pressupõe o intento da satisfação sexual na relação entre um adulto em posição de poder e uma criança que, devido à fase de desenvolvimento em que se encontra, é incapaz de entender a natureza desse contato sexual (HABIGZANG *et al.*, 2011; MATHEWS *et al.*, 2020). Sendo assim, o abusador excede-se do poder da maioria, persuadindo e forçando a criança ou adolescente a práticas sexuais. Estas interações sexuais podem ser impostas aos menores pela violência física, ameaças, ou indução de sua vontade (WERNER, 2008).

Estudos apontam que o abuso sexual infantil pode acarretar prejuízos cognitivos, emocionais, comportamentais e sociais nas vítimas, e por isso, a escola assume um espaço prioritário para o planejamento e desenvolvimento de ações educativas que promovam os direitos humanos de crianças e adolescentes (SERAFIM *et al.*, 2011; HABIGZANG *et al.*, 2011; FLORENTINO, 2015). Além disso, acredita-se que o trauma precoce, como o abuso sexual infantil, interrompa os mecanismos de enfrentamentos adaptativos, dificultando a recuperação de experiências traumáticas e conseqüentemente resultando em maior gravidade dos sintomas. A literatura também indica que as estratégias de enfrentamento adaptativas versus desadaptativas evoluem ao longo do tempo entre os adultos sobreviventes de abuso sexual infantil e estão diferencialmente associadas ao funcionamento psicológico a longo prazo (WALSH *et al.*, 2010)

Lazarus e Folkman (1984), definem *coping* como um esforço cognitivo e comportamental do indivíduo, sendo abordado através de variáveis que visam organizar (reduzindo, minimizando, controlando, dominando ou tolerando) exigências internas e/ou externas. No contexto do abuso sexual infantil, o termo *coping* refere-se ao conjunto de estratégias, técnicas ou mecanismos que uma pessoa emprega para lidar com o evento estressante. O termo deriva do verbo inglês “*to cope*”, que significa enfrentar, lidar ou sobreviver diante de situações de estresse, adversidades ou demandas emocionais.

As estratégias de *coping* podem ser classificadas em dois tipos, segundo sua função: *coping* focalizado no problema e *coping* focalizado na emoção. O *coping* focalizado para o problema centra-se no próprio estressor, e é geralmente visto como mais adaptativo, ou seja, refere-se a um esforço para lidar contra o stress em si a fim de

modificá-lo. Enquanto que o *coping* focalizado na emoção é definido como um esforço para regular e aliviar o estado afetivo associado ao stress (LAZARUS, 1993).

Nesse aspecto, as estratégias de enfrentamento possuem o objetivo de comportamento adaptativo, no entanto, quando as estratégias são empregadas de uma maneira que interfere no comportamento focalizado para o problema, considera-se a regulação emocional um fator de risco definidor para a psicopatologia (BEAUCHAINE, 2015; COLE; HALL; HAJAL, 2017).

O *coping* deve acontecer, portanto, como um esforço para regular o estado emocional derivado de eventos estressantes ou associados ao estresse, tendo como função reduzir as consequências físicas, emocionais e psicológicas, resultando no ajustamento psicossocial do indivíduo e conseqüentemente na melhoria da qualidade de vida e da saúde mental (LAZARUS; FOLKMAN, 1984; FOLKMAN *et al.*, 1986; LAZARUS, 2006; CARVER; CONNOR-SMITH, 2010).

Entendendo que as instituições escolares são espaços de proteção e cuidado, é significativo que a formação de professores seja um dispositivo ético-político de construção de modos de afirmação dos direitos humanos. É na escola que se trabalham os saberes, as emoções, os comportamentos, os valores, as normas, os modelos culturais, como também se constroem estratégias de enfrentamento às diferentes violações de direitos. A partir desses pressupostos, este estudo teve como objetivo identificar e discutir acerca das estratégias de enfrentamento (*coping*) utilizadas por vítimas de abuso sexual infantil por meio de uma revisão de escopo.

Procedimentos Metodológicos

O estudo foi delineado como uma revisão de escopo (*scoping study ou scoping review*). Trata-se de uma estratégia metodológica que permite ampliar a visão geral a respeito de um determinado tema e os principais conceitos que fundamentam uma área de conhecimento, além de auxiliar no exame quanto à extensão, alcance e natureza das investigações, sumarizar seus resultados e identificar possíveis lacunas a serem tratadas ou aprofundadas em estudos posteriores (PETERSON *et al.*, 2019).

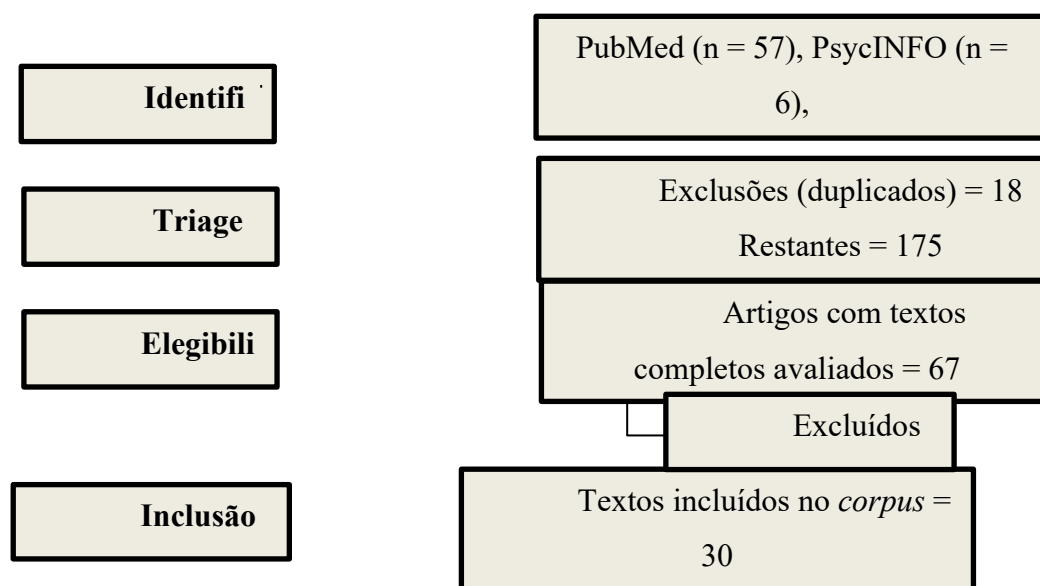
Para a elaboração da pesquisa determinou-se primeiramente a temática - estratégias de enfrentamento (*coping*) em vítimas de abuso sexual infantil – que foi selecionada tendo em vista o elevado número de denúncias de práticas sexuais infanto-juvenis durante a pandemia de Covid-19 e conseqüentemente pela ampla discussão

sobre os seus possíveis efeitos psicológicos, cognitivos e comportamentais nas crianças. Além disso, a justificativa dessa escolha se caracteriza pela necessidade de reconhecimento e diálogo sobre as estratégias de enfrentamentos utilizadas pelos sujeitos-vítimas de abuso sexual. Isso inclui fornecer informações e recursos para crianças, pais, educadores e comunidades que podem aprimorar os serviços de apoio, prevenção e tratamento disponíveis. Portanto, é um tema atual e necessário não somente para a saúde, mas para o campo educacional.

A partir disso, elaborou-se o seguinte questionamento: Quais estratégias de enfrentamento/*coping* são adotadas por vítimas de abuso sexual infantil? Para responder a problemática do tema adotou-se os critérios de inclusão e exclusão dos estudos. Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão para a seleção das produções científicas analisadas nesta revisão: (1) Artigos publicados em qualquer idioma que contemplassem a tradução em português (2) Artigos publicados no período dos anos de 2018 a 2022. (3) Artigos sobre vítimas de abuso sexual na infância e adolescência. (4) Artigos que contenham no conceito de estudo a identificação de estratégias de enfrentamento (*coping*). (5) Artigos disponíveis em texto completo *on-line*.

A busca em base eletrônica de dados tem como objetivo evidenciar a definição de termos ou palavras-chave. Foram utilizadas as combinações “*child sexual abuse*” and “*children's coping*” and “*coping strategies*” or “*coping*”. A utilização dos descritores foi realizada em inglês. Uma procura eficaz envolve não só uma estratégia que inclua termos precisos, mas também a escolha de base de dados que insiram mais especificamente o tema, para tanto as bases escolhidas foram: PubMed, PsycINFO e SciELO.

O delineamento foi realizado a partir de um processo rigoroso de análise, em um período de cinco anos (2018-2022). Como resultados, obteve-se um número expressivo de artigos distribuídos nas três bases de dados investigadas. Após a identificação dos estudos, fez-se a exclusão daqueles em duplicação, e a leitura dos artigos que estavam disponíveis de forma completa e gratuita. Dos trabalhos lidos, trinta (n=30) conseguiam contemplar diretamente as estratégias de enfrentamento (*coping*) utilizadas por vítimas de abuso sexual infantil (Figura 1).

FIGURA 1 – Fluxograma de identificação e seleção dos estudos.

Fonte: Os autores (2023).

Os trinta estudos selecionados para fazer parte desta revisão foram mapeados com as seguintes informações: autor(es), ano de publicação, título, país de origem e trechos descrevendo os principais resultados de interesse desta revisão. Para a etapa de sumarização dos elementos essenciais de cada estudo, utilizou-se uma estrutura analítica descritiva para examinar o texto de cada artigo. Para tanto, realizou-se uma análise qualitativa de todos os conteúdos, o que possibilitou a criação de categorias que emergiram da análise mais aprofundada das publicações, as quais foram capazes de ilustrar tópicos de interesse.

Na etapa final, realizaram-se a compilação e a comunicação dos resultados, com a intenção de apresentar a visão geral de todo o material, por meio de uma construção temática, organizada de acordo com os elementos que influenciam na resposta da questão desta investigação. Na apresentação dos resultados, construiu-se resumos narrativos. A pesquisa dispensou a apreciação do Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos, uma vez que utilizou apenas dados secundários.

Resultados e Discussão

As publicações selecionadas foram lidas na íntegra e analisadas. Incluíram-se estudos que abordam o abuso sexual no contexto da infância/adolescência e as

estratégias de enfrentamento utilizadas. O número de artigos identificados, que constituem a amostra final deste estudo, serve como ilustração da produção científica sobre a utilização do *coping* em vítimas de abuso sexual infantil, sendo, portanto, um balizador que permite entender o tema e mapear as possibilidades para futuras investigações.

Considerando que a produção de artigos voltados à temática é bastante escassa, uma vez que os principais impasses que se apresentam são a falta de convergência na definição do conceito “*coping*” e os problemas metodológicos tais como a delimitação do tema e da amostra, optou-se por estender a origem dos artigos e o ano da publicação em cinco anos, já que se pretendia alcançar o maior número de trabalhos sobre a temática em contextos e anos diferentes. Logo, localizando e avaliando a frequência da produção, observa-se que nos anos de 2020 e 2021, houve mais artigos publicados (n=8) e (n=7), respectivamente, enquanto nos anos 2022, 2019 e 2018 estabeleceu-se a mesma quantidade de estudos em cada ano (n=5) referente ao assunto proposto nas selecionadas bases de dados (Tabela 1).

TABELA 1 - Principais características dos artigos selecionados.

	TÍTULO	AUTORES	MÉTODO	REVISTA	ANO DE PUBLICAÇÃO
1	A relação entre abuso infantil e problemas de uso indevido de substâncias é mediada por motivos de enfrentamento do uso de substâncias, em adolescentes sul-africanos que frequentam escolas	Hogarth <i>et al.</i>	Análise de Regressão Múltipla	<i>Drug and Alcohol Dependence</i>	2019
2	Abuso físico e sexual na infância e adolescência e o comprimento dos telômeros de leucócitos: uma análise combinada do estudo sobre estresse psicossocial, espiritualidade e saúde	Warner <i>et al.</i>	Estudos de Coorte Prospectivos	<i>Plos One</i>	2020
3	Abuso sexual de crianças e adolescentes e sua relação com transtornos alimentares	Behar e Barra	Revisão Sistemática	Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria	2021

4	Avaliando uma nova intervenção para reduzir os sintomas de trauma e a assunção de riscos sexuais: entrevistas qualitativas de saída com homens de minorias sexuais com abuso sexual na infância	Taylor <i>et al.</i>	Ensaio Clínico Randomizado Estratificada	<i>Psychology Health & Medicine</i>	2018
5	Cinco aplicações da terapia de exposição narrativa para crianças e adolescentes que apresentam transtornos de estresse pós-traumático	Fazel <i>et al.</i>	Relato de Caso	<i>Frontiers in Psychiatry</i>	2020
6	Correlatos de resiliência após abuso sexual na infância entre homens que fazem sexo com homens	Dale <i>et al.</i>	Ensaio Clínico Randomizado	<i>Journal of Trauma and Dissociation</i>	2020
7	Diferenças entre experiências traumáticas na infância e estilos de enfrentamento para pacientes do sexo masculino e feminino com depressão maior.	Battal <i>et al.</i>	Estudo de Coorte Transversal e Análise de Regressão Linear	<i>Turkish Journal of Psychiatry</i>	2018
8	Efeitos indiretos da gravidade do abuso sexual na infância ao TEPT: o papel da evitação	Batchelder <i>et al.</i>	Ensaio Clínico Randomizado	<i>Journal of Interpersonal Violence</i>	2021
9	Estimulando a pesquisa sobre adversidades da infância, transtorno de personalidade limítrofe e transtorno de estresse pós-traumático complexo	Krause-Utz	Revisão Sistemática	<i>Borderline Personality Disorder Emotional Dysregulation</i>	2021
10	Experiência de maus-tratos na primeira infância e comportamento sexual posterior em adultos brasileiros em tratamento para dependência de substâncias	Diehl <i>et al.</i>	Estudo de Coorte Transversal	Revista Brasileira de Psiquiatria	2019

11	Experiências adversas na infância e resiliência entre mulheres adultas: um estudo de base populacional	Danielsdótti <i>et al.</i>	Estudo de Base Populacional	<i>Elife</i>	2022
12	Experiências vividas por adolescentes grávidas e estratégias de enfrentamento em distrito periurbano no sul de Gana	Kotoh <i>et al.</i>	Análise de Conteúdo	<i>BMC Public Health</i>	2022
13	Explorando determinantes do sofrimento psicológico entre jovens indígenas que usam drogas em três cidades canadenses	Pearce <i>et al.</i>	Estudo Longitudinal	<i>Global Mental Health</i>	2018
14	Exposição à violência familiar desde a infância até a idade adulta	Shields <i>et al.</i>	Análise de Regressão Múltipla	<i>BMC Public Health</i>	2020
15	Falando sobre sentimentos: diálogos emocionais entre mães e filhos entre crianças abusadas sexualmente	Van Delft <i>et al.</i>	Estudo Exploratório	<i>Journal of Interpersonal Violence</i>	2021
16	Famílias uruguaias com abuso infantil: estressores e apoio social no contexto da pobreza	Rodrigues e Cattani	Estudo Descritivo-correlacional, Transversal	<i>Revista de Psicología</i>	2022
17	Maus-tratos na infância predizem sintomas subsequentes de ansiedade entre adolescentes chineses: o papel da tendência dos estilos de enfrentamento	Guo <i>et al.</i>	Estudo Longitudinal	<i>Translational Psychiatry</i>	2021
18	Motivações para o uso de opióides e estimulantes entre homens negros de minorias sexuais: uma perspectiva de curso de vida	Dangerfiel <i>et al.</i>	Análise Temática	<i>Drug and Alcohol Dependence</i>	2020
19	O abuso sexual na infância e o medo do abandono moderam a relação da violência do parceiro íntimo com a gravidade da dissociação	Zerubavel <i>et al.</i>	Análise de Regressão Hierárquica	<i>Journal of Trauma and Dissociation</i>	2018

20	O trauma da infância prevê traços esquizotípicos? Uma abordagem de modelagem de caminho em um corte de sujeitos em busca de ajuda	Dizinger <i>et al.</i>	Estudo de Coorte	<i>European Archives of Psychiatry and Clinical Neuroscience</i>	2022
21	Preveno os efeitos da participação em pesquisas sobre agressão sexual: reações, percepções e busca de ajuda	Kirkner <i>et al.</i>	Estudo Longitudinal	<i>Journal of Interpersonal Violence</i>	2019
22	Privação e ameaça, desregulação emocional e psicopatologia: associações simultâneas e longitudinais	Milojevich <i>et al.</i>	Estudo Longitudinal	<i>Journal of Development and Psychopathology</i>	2019
23	Qualidade do diálogo mãe-filho sobre eventos emocionais, enfrentamento e sintomas de estresse pós-traumático entre crianças expostas a traumas interpessoais	Overbeek <i>et al.</i>	Estudo de Coorte Transversal	<i>Journal of Child & Adolescent Trauma</i>	2021
24	Subtipos de trauma na infância podem influenciar o padrão de uso de substâncias e substâncias preferenciais em homens com dependência de álcool e/ou crack-cocaína	Hoffmann <i>et al.</i>	Estudo Transversal Retrospectivo	Revista Brasileira de Psiquiatria	2022
25	Tratamento de saúde comportamental "compra" entre adolescentes do sexo feminino com histórias de exploração sexual comercial	Barnert <i>et al.</i>	Estudo de Coorte Transversal	<i>Child Abuse & Neglect</i>	2020
26	Trauma cumulativo na infância, regulação emocional, dissociação e problemas de comportamento em vítimas de abuso sexual em idade escolar	Hébert <i>et al.</i>	Análise de Regressão Múltipla	<i>Journal of Affective Disorders</i>	2018
27	Traumas na infância, dificuldade de regulação emocional e estratégias de enfrentamento em pacientes adultos com autolesão não suicida	Kahraman <i>et al.</i>	Estudo Empírico Quantitativo	<i>Anadolu Psikiyatri Dergisi</i>	2020

28	Uma breve abordagem de tratamento cognitivo-comportamental para TEPT e Transtorno Dissociativo de Identidade, relato de caso	Minnen e Tibben	Relato de Caso	<i>Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry</i>	2021
29	Uma história de trauma na infância e carga alostática em pacientes com transtornos psicóticos em relação às estratégias de enfrentamento do estresse	Piotrowski <i>et al.</i>	Metanálise	<i>Psychoneuroendocrinology</i>	2020
30	Vitimização sexual e motivos de beber relacionados ao sexo: Quão protetora é a regulação emocional?	Bird <i>et al.</i>	Análise de Regressão Linear	<i>Journal of Sex Research</i>	2019

Fonte: Os autores (2023).

Os artigos visualizados na Tabela 1 constituem-se de múltiplos contextos de vivências, realidades plurais e culturas diferentes. Portanto, tais resultados sugerem que as habilidades de enfrentamento adquiridas por vítimas de abuso sexual infantil são dependentes destas questões, porém, ainda que sejam atribuídas particularidades aos participantes, estas não diferem quanto ao impacto deletério do abuso sexual e a capacidade de elaborar estratégias sobre o trauma sofrido (Tabela 1).

As escolhas dos instrumentos para a avaliação da estratégia de enfrentamento para cada estudo mostraram-se bastante diversificadas. Em destaque, (n=19) estudos utilizaram inventários, métodos estatísticos e escalas, sendo o inventário COPE o mais frequente (CARVER *et al.*, 1989). Enquanto (n=4) artigos optaram por utilizar autorrelato, entrevista qualitativa narrativa e modelos mais livres de expressão dos participantes. As técnicas que mensuram o *coping*, em ambos os sentidos, somam-se em (n=4) artigos e outros (n=3) não especificados por serem revisões sistemáticas e inquérito narrativo (Tabela 2).

TABELA 2 - Resultados gerais dos instrumentos para avaliação e estratégias de enfrentamentos utilizadas por vítimas de abuso sexual infantil dos artigos selecionados.

ESTRATÉGIAS		INSTRUMENTO PARA AVALIAÇÃO DA ESTRATÉGIA
ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO ADAPTATIVA		
2	Religião	<i>Brief RCOPE</i>
3	Resiliência	Revisão Sistemática
6	Resiliência	<i>Resilience Scale (CD-RISC) / Post Traumatic Cognitions Inventory (PTCI) / Distress Tolerance Scale (DTS)</i>
12	Religiosidade e apoio da rede social	<i>Coping Inventory for Stressful Situations (CISS)</i>
13	Vivência cultural	<i>Symptom Checklist-90 Revised (SCL-90-R) / Childhood Trauma Questionnaire (CTQ)</i>
15	Diálogo emocional mãe-filho	Questionário / Diálogo de Eventos Emocionais Autobiográficos (AEED).
16	Apoio Social	<i>The MOS Social Support Survey / Family Inventory of Life Events and Changes (FILE)</i>
20	Resiliência	Anamnese Clínica / <i>Trauma and Distress Scale (TADS)</i>
23	Diálogo emocional mãe-filho	Questionário / Diálogo de Eventos Emocionais Autobiográficos (AEED).
25	Resiliência, relações de confiança com provedores e sistemas de saúde	Entrevistas Qualitativas / Análise Temática
26	Regulação emocional	Emotion Regulation Checklist (ERC)
29	Enfrentamento focado na tarefa	<i>Coping Inventory for Stressful Situations (CISS)</i>
ESTRATÉGIA DE ENFRENTAMENTO DESADAPTATIVA		
1	Uso de drogas	Orientação de Enfrentamento (A-COPE)
3	Transtorno alimentar e dissociação mental (amnésia, alterações de identidade, desrealização e despersonalização)	Revisão Sistemática

4	Evitação e comportamento sexual de risco	Entrevista Qualitativa Semiestruturada
5	Automutilação	<i>Narrative Exposure Therapy</i> (NET)
7	Depressão	<i>Beck Depression Inventory</i> (BDS), <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> (CTQ-28) e <i>Coping Orientation for Problem Experiences Inventory</i> (COPE)
8	Evitação, incluindo desengajamento comportamental e negação	<i>Brief COPE</i>
9	Desregulação emocional, dissociação, desconfiança, problemas interpessoais e comportamentos de enfrentamento desadaptativos, como automutilação e comportamento suicida	Revisão Sistemática
10	Vitimização sexual e uso de substâncias	<i>Sexual Addiction Screening Test</i> (SAST) / <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> (CTQ) / <i>Drug of choice</i> (DOC)
11	Menor resiliência psiquiátrica (sintomas de depressão, ansiedade, TEPT e distúrbios do sono relacionados ao trauma) e uso de substâncias	<i>Connor-Davidson Resilience Scale</i> (CD-RISC-10) / <i>A resiliência psiquiátrica foi operacionalizada como ausência de morbidade psiquiátrica.</i>
12	Evitação	Inquérito Narrativo / Análise de Conteúdo
13	Uso de substâncias e álcool	<i>Symptom Checklist-90 Revised</i> (SCL-90-R) / <i>Childhood Trauma Questionnaire</i> (CTQ)
14	Vitimização	Autorrelatos Retrospectivos / <i>Conflict Tactics Scales</i> (CTS)
17	Ansiedade	Escala de Transtorno de Ansiedade Generalizada-7 (TAG-7) / <i>Simplified Coping Style Questionnaire</i> (SCSQ).
18	Uso de drogas	Entrevistas Qualitativas
19	Dissociação patológica	Questionários de Autorrelato / <i>Dissociative Experiences Scale</i> (DES-II)
20	Ideação paranoide e desconfiança	Anamnese Clínica / <i>Trauma and Distress Scale</i> (TADS)
21	Sintomas de TEPT, depressão, auto-culpa, reações sociais de reconhecimento sem apoio, ameaça à vida durante e uso problemático de drogas	<i>Posttraumatic Stress Diagnostic Scale</i> (PDS) / <i>Brief COPE</i> / <i>Support Questionnaire Short Form Revised</i> / <i>Drug Abuse Screening Test</i> (DAST-10)
22	Evitação (ameaça e privação)	<i>Questionário Brief Coping Orientation to Problems Experienced</i> (COPE)

24	Uso de substâncias	<i>Childhood Trauma Questionnaire (CTQ) / Addiction Severity Index-6 (ASI-6)</i>
25	Uso de substâncias	Entrevistas Qualitativas / Análise Temática
26	Sintomas dissociativos	<i>Emotion Regulation Checklist (ERC).</i>
27	Automutilação não suicida e álcool	<i>Difficulties in Emotion Regulation Scale-Brief Form (DERS-16) / Brief RCOPE, Coping Orientation to Problems Experienced (COPE)</i>
28	Evitação, dissociação, despersonalização e desrealização	<i>Dissociative Experiences Scale (DES) / Dissociative Disorders Interview Schedule (DID)</i>
29	Evitação	<i>Coping Inventory for Stressful Situations (CISS)</i>
30	Álcool	<i>Drinking Motives Questionnaire, Revised (DMQ-R) / Difficulties in Emotion Regulation Scale (DERS)</i>

Fonte: Os autores (2023).

Algumas das estratégias de *coping* permeiam outras, isto é, além de se configurar enquanto um enfrentamento, pode ser também uma repercussão social, psicológica ou física do abuso sexual e eventos correlacionados (Tabela 2). Para que tal categorização seja organizada para fins didáticos, e sejam expostas visões semelhantes e diferentes sobre o tema, são discutidas as principais formas de enfrentamento encontradas em dois eixos – estratégias de enfrentamento adaptativas e estratégias de enfrentamento desadaptativas – e subtemas.

Estratégias de enfrentamento desadaptativas

Desenvolvimento de transtornos psicológicos

Embora o abuso sexual seja um fator inespecífico para o desenvolvimento de transtornos mentais, os resultados esclarecem que existe relação entre trauma na infância e o surgimento dos transtornos. Os transtornos psicológicos com vítimas de abuso sexual mostraram-se generalizáveis, frequentes e demonstraram comportamentos invariavelmente prejudiciais na resposta a situações de frustração, configurando perturbações psicopatológicas.

Krause-Utz (2021) identificou como algumas pessoas possuíam sintomas ou distúrbios psicopatológicos após um trauma complexo, enquanto outras não desenvolviam. Em uma amostra de 68.894 adultos que possuíam diagnóstico psicológico, vítimas de eventos traumáticos de natureza invasiva e principalmente interpessoal de longa duração (abuso na infância e violência por parceiro íntimo), alcançou como resposta que as consequências de longo prazo das adversidades da infância destacam importantes mecanismos psicopatológicos que podem estar subjacentes a um risco aumentado de desenvolver certos transtornos mentais.

Igualmente, em outro estudo concluiu que maus-tratos na infância predizem sintomas de transtornos psicológicos. O abuso emocional, físico e sexual foi associado a sintomas de ansiedade no acompanhamento de um ano. Além disso, as estratégias específicas de enfrentamento focadas no problema não estavam independentemente associadas a níveis mais baixos de depressão ou ideação suicida. E ainda pontuou, que experiências de maus-tratos na infância estão associadas ao aumento da possibilidade de adoção de um estilo de enfrentamento negativo na adolescência (GUO *et al.*, 2021).

Nesse sentido, outros artigos contribuíram na formulação de que abuso sexual na infância é um fator de risco significativo para o desenvolvimento de transtornos mentais durante a vida, resultando em comprometimento da saúde e consequências deletérias no desenvolvimento das vítimas para o enfrentamento. Sendo os principais achados para transtornos mentais relatados após o abuso sexual infantil: depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), abuso de substâncias, transtornos de personalidade e transtorno alimentar. Comportamento suicida, automutilação e comportamento sexual relacionado ao aumento do risco de infecções sexualmente transmissíveis (IST) e vírus da imunodeficiência humana (HIV) (KIRKNER *et al.*, 2019; BEHAR; BARRA, 2021; PIOTROWKI, 2020; DANÍELSDÓTTIR *et al.*, 2022; DIZINGER *et al.*, 2022).

Uso de álcool e substâncias psicoativas

Os estudos apontaram que vítimas de abuso sexual são tendenciosas ao uso de substâncias psicoativas devido à exposição e a vulnerabilidade do evento traumático. Entre os estudos selecionados, foi encontrada uma análise de regressão múltipla com 1.149 adolescentes estudantes na Cidade do Cabo, África do Sul (HOGARTH L *et al.*, 2019), a qual teve como objetivo demonstrar se a relação entre abuso infantil e

problemas de uso indevido de substâncias é mediada pela crença de que o uso de substâncias ajudam a lidar com estados afetivos negativos. Os resultados confirmaram que o abuso infantil (emocional, físico, sexual) mediou a relação entre o uso problemático de álcool/drogas como formas estratégicas para enfrentar afeto negativo.

Sendo assim, entre os artigos selecionados que se referiam ao uso de substâncias e álcool como mecanismo de enfrentamento evidenciou-se como preditor à redução do sofrimento para vítimas de abuso sexual infantil e sugeriu ainda uma ligação entre as diferentes experiências traumáticas na infância, bem como o uso indevido de remédios prescritos para tratar a dor emocional. Além disso, esforços para diminuir o uso foram avaliados como enfrentamento mais adaptativo. Nesse aspecto, o abuso sexual na infância e outros eventos importantes ao longo da vida aumentaram o uso de drogas como estratégia de enfrentamento (PEARCE *et al.*, 2018; DIEHL *et al.*, 2019; BIRD *et al.*, 2019; DANGERFIELD *et al.*, 2020; BARNET, 2020).

Comportamentos dissociativos, evitativos e autolesivos

Vítimas de abuso sexual infantil, majoritariamente, não conseguiram desenvolver habilidades eficazes de enfrentamento para provocar mudanças em situações emocionalmente desgastantes e, assim, responderam suas emoções a situações causadoras de estresse de modo inadequado. Zerubavel *et al.* (2018) concluíram que a gravidade do abuso sexual infantil está relacionada a uma maior dissociação, tanto na amnésia quanto na despersonalização. Apontou ainda, que a relação entre a violência sexual por parceiro íntimo e despersonalização tornou-se mais forte à medida que a gravidade do abuso sexual infantil aumentou.

Em outro estudo similar, Hébert *et al.* (2018) avaliaram 309 crianças abusadas sexualmente (203 meninas e 106 meninos) e identificaram que a regulação emocional e a dissociação foram mediadoras, ou seja, desempenham um papel importante nas relações entre traumas cumulativos na infância e problemas de comportamento internalizados e externalizados em idade escolar. Assim, embora a dissociação não surja exclusivamente de experiências do abuso sexual infantil, as vítimas atingem a capacidade de restringir a consciência e são particularmente propensas a dissociar-se para enfrentarem o trauma. Por isso, espera-se que o trauma aumente a vulnerabilidade à dissociação.

Os achados sugerem ainda, que as vítimas de abuso sexual utilizam estratégias

de enfrentamento de evitação para gerenciar o sofrimento e tendem a continuar até a idade adulta. Batchelder *et al.* (2021) realizaram um estudo de regressão linear com 290 homens homossexuais não infectados pelo HIV com histórias de abuso sexual infantil que especificava o papel da evitação como estratégia de enfrentamento sobre os efeitos indiretos da gravidade do abuso sexual na infância e a relação do transtorno de estresse pós-traumático na idade adulta.

Em um estudo longitudinal, não diferentemente, adolescentes expostos ao abuso sexual adquiriram o uso de estratégias evitativas. Além disso, a evitação mediou parcialmente a associação entre a exposição à ameaça na primeira infância e os sintomas de psicopatologia internalizante na adolescência (MILOJEVICH *et al.*, 2019). E também, os autores Minnen e Tibben, (2021) ilustraram que os sintomas dissociativos de uma mulher com o Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT) e Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) com quatro identidades, servem como uma estratégia de enfrentamento de esquiva desadaptativa para lidar com emoções e angústias evocadas por estímulos relacionados ao trauma.

Dessa forma, indivíduos com história de trauma na infância, especialmente vítimas de abuso sexual infantil, podem adotar uma estratégia de enfrentamento evitativo, ou seja, distanciamento, como uma solução pessoal de problemas. Porém, essa retirada ou evitação pode interferir nas avaliações precisas de risco/segurança e comprometer a capacidade de se envolver em enfrentamento adaptativo na vida adulta (TAYLOR, 2018; PIOTROWKI, 2020).

Entre outros comportamentos de risco, a automutilação foi citada como estratégia para lidar com as emoções e manter um sentimento sustentado de bem-estar. Em um estudo de caso realizado por Fazel *et al.* (2020), uma adolescente de 14 anos em um ambiente ambulatorial, descreveu que foi abusada sexualmente pelo parceiro de sua mãe ao longo de vários anos e passou a utilizar a automutilação como uma forma de lidar com altos níveis de ansiedade e especificou que o comportamento foi desencadeado por lembretes de suas experiências de abuso. Em sentido similar, Kahraman *et al.* (2020) ao determinarem os possíveis fatores de risco de autolesão não suicida, sugeriram que as pessoas com comportamento de automutilação não-suicida vivenciaram traumas na infância e conseqüentemente dificuldades de regulação emocional.

Suscitando assim, que as pessoas com comportamento de automutilação ao machucar o próprio corpo expressam uma tentativa de autopunição, mas também

dificuldades em expressar seus sentimentos e buscar ajuda, pois possuem dificuldades em tolerar conflitos internos e têm estratégias de enfrentamento menos eficazes e menos adaptativas. Portanto, artigos que identificaram comportamentos dissociativos, evitativos e autolesivos como estratégias para alívio psicológico demonstram relação entre o abuso sexual infantil.

Comportamentos sexuais

Foi identificado que as pessoas com histórico de abuso sexual infantil tornam-se mais vulneráveis a outros tipos de violência (BATCHELDER *et al.*, 2021). As vítimas enfrentam ainda, a possibilidade de adquirirem estratégias de enfrentamento menos eficazes, sendo mais propensos a participar de comportamentos sexuais de risco que prejudicam a saúde.

Conforme um estudo transversal realizado em um ambulatório médico de Especialidades de Psiquiatria, em São Paulo, Brasil, conduzido por Diehl *et al.* (2019), em um grupo de 134 usuários de drogas, do sexo masculino e feminino, com idades entre 18 e 60 anos, revelou que históricos de abusos sexuais infantis previam a troca de favores sexuais por drogas, práticas sexuais desprotegidas com parceiros casuais, dependência emocional e pensamentos parafilicos. Neste mesmo estudo, ter sofrido abuso na idade adulta foram predominantes entre aqueles que relataram abuso sexual na infância.

Em outra pesquisa, cujo objetivo era examinar as associações entre o abuso na infância (física, sexual ou emocional) e a subsequente violência por parceiro íntimo na idade adulta, testificou que à medida que a gravidade/frequência da maus-tratos infantis aumentava, a probabilidade de relatar violência por parceiro íntimo também aumentava. Essa relação dose-resposta gravidade/frequência entre os três tipos de maus-tratos infantis e violência por parceiro íntimo foi observada somente entre as mulheres. No entanto, exposição ao abuso infantil foi associado à violência por parceiro íntimo na idade adulta para ambos os sexos (SHIELDS *et al.*, 2020).

Sendo assim, os resultados sugerem que vivenciar múltiplas formas de trauma têm efeitos cumulativos e, conseqüentemente o abuso sexual na infância estão associados a resultados específicos de comportamentos de altos riscos sexuais na idade adulta, como por exemplo, uso de substâncias durante a relação sexual, mau ajuste sexual (sexo desprotegido, múltiplos parceiros, comércio sexual e revitimização sexual

adulta) e doença mental relacionada ao abuso (transtornos parafilicos) para lidar com o trauma (DIEHL *et al.*, 2019).

Estratégias de enfrentamento adaptativas

Uso da religião/espiritualidade

Em uma análise sobre as estratégias de enfrentamento adotadas por adolescentes grávidas vítimas de abuso sexual, as participantes descreveram que as gestações foram indesejadas, no entanto, não consideraram o aborto como a melhor opção em relação à gravidez. Em vez disso, elaboravam estratégias, como oração, confiar em Deus e busca de apoio familiar para lidar com a gestação (KOTOH *et al.*, 2022). Portanto, a religião/espiritualidade pode ser uma estratégia de enfrentamento quanto estas são adotadas por pessoas que dedicam esforços para entender e lidar com os estressores da vida de maneiras relacionadas ao sagrado, ou seja, percepções tradicionais de Deus, divindade ou poderes superiores, mas também a outros aspectos da vida que estão associados ao divino ou estão imbuídos de qualidades divinas e passam a ser reconhecidos em virtude da representação que possuem para o indivíduo.

No entanto, em um estudo realizado por Warner *et al.* (2020) não foi identificada a relação da religião para superação do abuso sexual. A pesquisa envolveu o objetivo de avaliar se a religião ou a espiritualidade podem amortecer os efeitos nefastos do abuso sexual e teve em seus resultados que não houve evidências de que o impacto do abuso físico e sexual diferisse pela extensão da religiosidade/espiritualidade ou nível de enfrentamento religioso. Assim, os resultados ressaltam controvérsias sobre as influências da religiosidade para resolução de conflitos.

Nesse aspecto, pode-se considerar que o enfrentamento religioso é um processo que depende do papel ativo em que os indivíduos atribuem na interpretação e resposta aos princípios religiosos e ainda, se a religião desempenha significado, portanto, o uso da religião como estratégia de enfrentamento não se mostrou inteiramente relacional em vítimas de abuso sexual, uma vez que precede contextos diversos.

Apoio social

Overbeek *et al.* (2021) buscaram explorar se sintomas de estresse pós-traumático podem estar indiretamente ligados por meio das habilidades de enfrentamento, isto é, se

essa associação difere ao discutir diferentes emoções negativas. A pesquisa apontou que as crianças que foram menos cooperativas no diálogo emocional com a mãe apresentaram mais sintomas de estresse pós-traumático e houve um efeito indireto do enfrentamento orientado ao problema com sentimentos de raiva.

Similarmente, Delft *et al.* (2021) identificaram que em comparação com díades de mãe-filho não expostos a eventos traumáticos, as díades de crianças abusadas sexualmente eram mais propensas a se envolver em diálogos nocivos e embora as mães das vítimas de abuso tivessem mais experiências de maus-tratos na infância e níveis mais altos de psicopatologia, estas não elaboraram uma conversa de apoio. Portanto, identificou-se que experiências emocionais podem prejudicar a relação de diálogo entre díades mãe-filho com crianças abusadas sexualmente.

Desse modo, os resultados suscitaram que uma comunicação aberta e possibilidade de apoio familiar e social abrange fatores de proteção nos esforços de enfrentamento. Mas também, que os diálogos de emoção mãe-filho podem ser prejudicados para crianças que experimentaram eventos altamente estressantes, como o abuso sexual.

Já em outro estudo, realizado por Barnet, (2020), percebeu-se que as relações de confiança com profissionais de saúde foram fundamentais para promover o envolvimento nos cuidados em saúde. Apontou-se também que é fundamental o papel da escola na formação de pensamento crítico e reflexivo, abrindo canais de diálogo e de uma cultura de prevenção à violência sexual e de afirmação dos direitos humanos.

Nesse sentido, as crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual que adentram o sistema especializado de justiça infanto-juvenil percebem o envolvimento como uma ferramenta de incentivo e apoio. Portanto, a tomada de decisão compartilhada e a rede de suporte educacional e dos serviços de saúde funcionam como estratégias de enfrentamento para vítimas de abuso sexual. Ao fornecer escuta, diálogo e ajuda especializada, possibilitam a realização de um esforço para modificar a situação que deu origem ao estresse e, frequentemente, redefinir o fator estressor (KOTOH, *et al.*, 2022).

Resiliência

Um enfrentamento resiliente implica em habilidades cognitivas tidas como autorreguladoras, envolvendo a capacidade de planejar, analisar problemas e tomar decisões específicas. Tais recursos envolvem maior qualidade de vida relacionada à

saúde psicológica (WARNER *et al.*, 2020). Cento e cinco homens com histórico de abuso sexual na infância foram recrutados para um estudo de controle randomizado, conduzidos por Dale *et al.* (2020), que buscaram examinar os relatos de resiliência e a capacidade de recuperar e funcionar de forma adaptativa após adversidades, entre homossexuais. O desfecho da pesquisa contribuiu na ideia de que a resiliência está significativamente relacionada a uma maior tolerância ao sofrimento. Em outras palavras, a resiliência é a capacidade de se adaptar e se recuperar de situações adversas, enquanto que a tolerância é a capacidade de aceitar e compreender a situação vivenciada.

Destaca-se que indivíduos expostos a eventos potencialmente traumáticos são resilientes. Porém, depende de uma combinação de respostas individuais e determinado contexto social. Além disso, as escalas/subescalas utilizadas nos estudos selecionados com as quais a resiliência estava associada sugerem que o enfrentamento resiliente é especialmente útil para ajudar os indivíduos a diminuir o sofrimento ligado à sua experiência de abuso sexual infantil (BARNET, 2020).

Considerações Finais

Avaliando e sintetizando evidências científicas, a qual suscita a utilização de diferentes estratégias de enfrentamento pelos indivíduos, pode-se perceber que independente da situação estressante, o *coping* influencia na adaptação do sujeito, uma vez que a finalidade é alterar a probabilidade de a situação estressante causar algum prejuízo e provocar reações emocionais negativas.

Além disso, os mecanismos de *coping* representam respostas de diversas formas e não podem ser generalizados, uma vez que a extensão e gravidade dos danos variam de acordo com a singularidade e experiência de cada indivíduo, porém, necessariamente, amortecem ou exacerbam os efeitos do abuso sexual infantil. Nesse aspecto, segundo os resultados desta revisão, uma possível razão para essas associações é que o abuso sexual é transacional, ou seja, consiste em uma série de eventos, sendo que cada um tende a aumentar ou diminuir as respostas de enfrentamento.

Contudo, apreender o recorte de quais estratégias são utilizadas em determinado contexto contribui no sentido de, a partir do conhecimento de tais repercussões, o campo da psicologia, saúde e educação, podem oferecer subsídios ao entender os efeitos dessa violação e quais os esforços cognitivos e comportamentais minimizam e

modificam o modo de respostas do indivíduo às circunstâncias específicas.

Nesta perspectiva, o reconhecimento das estratégias de enfrentamento, podem auxiliar o desenvolvimento de intervenções assertivas para a promoção do bem-estar, qualidade de vida e minimizar o impacto do evento estressor e traumático. Demonstrando assim, ser esta uma área de intervenção para além da saúde mental, mas também para profissionais da educação.

Assim, ao compreender as particularidades desse contexto, a rede educacional pode desempenhar um papel crucial ao educar e apoiar os sujeitos-vítimas, capacitando-os para a construção de formas adaptativas de enfrentamento. Além disso, ao instruí-los com informações e recursos, suporte emocional e o desenvolvimento de competências socioemocionais possibilita que estes construam formas efetivas para fomentar mecanismos de *coping* positivos.

Além do mais, as medidas preventivas contra o abuso sexual no ambiente educacional são fundamentais, uma vez que englobam a formulação de políticas efetivas, procedimentos de denúncia, aumento da conscientização e a disponibilização de um ambiente seguro e acolhedor, onde as vítimas possam buscar ajuda.

Portanto, as políticas públicas, de forma intersetorial, devem implementar estratégias de prevenção de abusos durante a infância e auxiliar no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento, buscando dificultar o uso excessivo e nocivo de substâncias, promover tratamento psicológico qualificado, adentrar a educação sexual nas escolas e entres outras atitudes, a fim de diminuir a prevalência e a gravidade durante a vida adulta.

Embora a prevenção seja ideal, os achados são igualmente relevantes para o desenvolvimento de intervenções. Logo, o complemento científico que ajude a avaliar e gerenciar as implicações dos traumas de infância também podem levar a melhores resultados. Em suma, a descrição das estratégias de enfrentamento sob a ótica da adaptação e do desenvolvimento traz contribuições, particularmente, no que tange à descrição de estratégias benéficas para superação, prevenção e a manutenção da qualidade de vida das vítimas do abuso sexual infantil.

Como limitação, o estudo trouxe as buscas de apenas três bases de dados, nos últimos cinco anos, filtrando os principais resultados. Por fim, torna-se necessária a realização de mais estudos – em seus variados delineamentos metodológicos – que avaliem as diferentes estratégias de enfrentamento (*coping*) utilizadas por vítimas de abuso sexual infantil, buscando auxiliar profissionais e fortalecer na afirmação de

direitos humanos.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Referências

AMIRKHAN, James H. (1990). Uma medida de enfrentamento derivada analiticamente de fatores: O Indicador de Estratégia de Coping. *Jornal de Personalidade e Psicologia Social*, 59(5), 1066–1074.

BATCHELDER, Amber W.; SAFREN, Steven A.; COLEMAN, Jeni N.; BOROUGHS, Michael S.; THIIM, Aja; IRONSON, Gail H.; SHIPHERD, Jillian C.; O'CLEIRIGH, Conall. (2021) Efeitos indiretos da gravidade do abuso sexual infantil para o TEPT: o papel do enfrentamento da evitação. *Jornal Interpers Violência*. 2021 Maio; 36(9-10).

BARNERT, Elizabeth; KELLEY, Mary; GODOY, Sarah; ABRAMS, Lourdes S.; BATH, Eraka. (2020). Behavioral health treatment "Buy-in" among adolescent females with histories of commercial sexual exploitation. *Child Abuse & Neglect*, fevereiro de 2020, vol. 100, 104042.

BEAUCHAINE, Theodore P. (2015). Future directions in emotion dysregulation and youth psychopathology. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 44, 875–896.

BEHAR, Rosa; BARRA, Flora do. (2021). Abuso sexual de crianças e adolescentes e sua relação com transtornos alimentares. *Rev. chil. neuro-psiquiatr.*, Santiago, v. 59, n. 4, p. 308-320.

BIRD, Emily R.; et al. (2019). Sexual Victimization and Sex-Related Drinking Motives: *How Protective is Emotion Regulation?* *J Sex Res*. Feb;56(2):156-165.

BORGES, Geane Lessinger; DELL' AGLIO, Débora Dalbosco (2008). Relações entre abuso sexual na infância, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e prejuízos cognitivos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 371–379.

BORGES, Ana I., et al. (2008). Ansiedade e *coping* em crianças e adolescentes: diferenças relacionadas com a idade e gênero. *Análise Psicológica*, 4(XXVI),551-561.

CARVER, Charles S.; SCHEIER, Michael F.; WEINTRAUB, Jennifer K. (1989). Assessing coping strategies: A theoretically based approach. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 267-283.

- CARVER, Charles S.; CONNOR-SMITH, Jennifer. (2010). Personalidade e enfrentamento. *Revista Anual de Psicologia*, 61, 679-704.
- COGO, Karen da Silva; MAHL, Ana Cristina; OLIVEIRA, Luciana Angélica; HOCH, Vivian Andrade. (2011). Consequências psicológicas do abuso sexual infantil. *Unoesc & Ciência - ACHS*, Joaçaba, v.2, n.2, p. 130-139, jul./dez.
- COLE, Pamela M.; HALL, Sarah E.; HAJAL, Nadia J. (2017). *Emotion dysregulation as a vulnerability to psychopathology*. In Beauchaine T. P. & Hinshaw S. P. (Eds.), *Child and adolescent psychopathology* (3rd ed., p. 346–386). Hoboken, NJ: Wiley.
- CHEN, Li-Ping; Murad, Mohammad H.; PARAS, Maria L.; COLBENSON, Kari M.; SATTLER, Aaron L.; GORANSON, Emily N.; ELAMIN, Mohamed B.; SEIME, Rebecca J.; SHINOZAKI, Gen; PROKOP, Larry J.; ZIRAKZADEH, Ali. (2010). Abuso sexual e diagnóstico ao longo da vida de transtornos psiquiátricos: revisão sistemática e meta-análise. *Mayo Clin Proc*. Jul;85(7):618-29.
- DALE, Sannisha K.; SANDERS, Julia; SAFREN, Steven A.; IRONSON, Gail; O'CLEIRIGH, Conall. (2020). Correlaciona a resiliência após o abuso sexual na infância entre homens que fazem sexo com homens. *Journal Dissociação do Trauma*. Mai-Jun;21(3): 365-375.
- DANÍELSDÓTTIR, Hera Björk; et al. (2022) Experiências adversas na infância e resiliência entre mulheres adultas: um estudo de base populacional. *Elife*, v. 11, e71770, fev.
- DANGERFIELD II, Derek T.; HEIDARI, Omid; COOPER, Jacob; ALLEN, Shaquinta; LUCAS, George M. (2020). Motivations for opioid and stimulant use among drug using black sexual minority men: *A life course perspective*. *Drug Alcohol Depend*. 2020 Oct 1; 215:108224.
- DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; HUTZ, Claudio Simon. (2002). Estratégias de coping de crianças e adolescentes em eventos estressantes com pares e com adultos. *Psicologia USP*, 13 (2), 203-225.
- DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. (2003) O processo de coping em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 38-45, jun.
- DIEHL, Alessandra; CLEMENTE, Juliana; PILLON, Sandra Cristina; SANTANA, Patricia Regina H.; da SILVA, Carla Juliane; MARI, Jair de Jesus. (2019). Early childhood maltreatment experience and later sexual behavior in Brazilian adults undergoing treatment for substance dependence. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 2019, v. 41, n. 03. pp. 199-207. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-0020>. Acesso em: 8 janeiro de 2023.
- DIZINGER, Judith Maria Berendina; DOLL, Christoph Maria; ROSEN, Maximilian; GRUEN, Melanie; DAUM, Lena; SCHULTZE-LUTTER, Frauke; BETZ, Lea; KAMBEITZ, Josephine; VOGELY, Kai; HAIDL, Theresa Katharina. (2022). O trauma de infância prediz traços esquizotípicos? Uma abordagem de modelagem de caminho em uma coorte de sujeitos em busca de ajuda. *Arquivos europeus de*

psiquiatria e neurociência clínica, 272(5), 909–922. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00406-021-01373-6>. Acesso em: 27 dezembro de 2022.

ENDLER, Norman S.; PARKER, James D. A. (1990). Multidimensional assessment of coping: A critical evaluation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 844–854.

FAZEL, Maryam; et al. (2020). Cinco aplicações da terapia de exposição narrativa para crianças e adolescentes apresentando transtornos de estresse pós-traumático. *Psiquiatria Frontal*, v. 11, n. 1, p. 15-23.

FERGUSON, David M.; MCLEOD, Geraldine F.; HORWOOD, L. John. (2013) Abuso sexual na infância e desfechos do desenvolvimento adulto: achados de um estudo longitudinal de 30 anos na Nova Zelândia. *Abuso e negligência infantil*, 37(9), 664–674.

FERNANDEZ RODRIGUEZ, María Eugenia; CRACCO CATTANI, Cecília Valentina. (2022). Famílias uruguaias com abuso infantil: estressores e apoio social no contexto da pobreza. *Revista de Psicología*, Lima, v. 40, n. 1, p. 97-118, Janeiro. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18800/psico.202201.004>. Acesso em :14 de janeiro de 2023.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes (2015). *Fractal: Revista de Psicologia*. v. 27, n. 2, p. 139-144. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/805>. Acesso em: 12 Janeiro 2023.

FOLKMAN, Susan; LAZARUS, Richard L.; DUNKEL-SCHETTER, Christine; DELONGIS, Anita; GRUEN, Richard. (1986). Dynamics of a stressful encounter: Cognitive appraisal, coping, and encounter outcomes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(5),992-1003.

GUO, Lin; WANG, Wei; LI, Wei; ZHAO, Min; WU, Rui; LU, Chunxia. (2021). Os maus-tratos na infância predizem sintomas de ansiedade subsequentes entre adolescentes chineses: o papel da tendência dos estilos de enfrentamento. *Psiquiatria Transl.* Jun 2;11(1):340.

HABIGZANG, Luísa Fernanda; RAMOS, Marina Serra; KOLLER, Silvia Helena. (2011). A revelação de abuso sexual: As medidas adotadas pela rede de apoio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4):467-473.

HAILES, Helen P. Y. U. R.; DANESE, Andrea; FAZEL, Seena. (2019). Resultados a longo prazo do abuso sexual na infância: uma revisão guarda-chuva. *Lancet Psiquiatria*. Out;6(10):830-839.

HÉBERT, Martine; LANGEVIN, Ron; OUSSAÏD, Essmah. (2018). Trauma cumulativo da infância, regulação emocional, dissociação e problemas de comportamento em vítimas de abuso sexual em idade escolar. *J Afetar Disord*. Janeiro 1; 225: 306-312.
HOFFMANN, A., Benzano, D., Ornell, F., Kessler, F. H., Diemen, L. V., & Schuch, J. B. (2022). Os subtipos de trauma na infância podem influenciar o padrão de uso de substâncias e substâncias preferenciais em homens com dependência de álcool e/ou crack. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 44(4), 416-419.

HOGARTH, Lee; MARTIN, Lynette; SEEDAT, Soraya. (2019). Relationship between childhood abuse and substance misuse problems is mediated by substance use coping motives, in school attending South African adolescents. *Drug Alcohol Depend.* Jan 1; 194: 69-74.

KOPP, Charles Burton. (1989). Regulation of distress and negative emotions: a developmental view. *Developmental Psychology*, 25(3), 343-354.

KOTOH, Agnes M.; et al. (2022). Experiências vividas por adolescentes grávidas e estratégias de enfrentamento em um distrito periurbano no sul de Gana. *BMC Public Health*, v. 22, p.901.

KIRKNER, Amy; RELYEA, Marisa; ULLMAN, Sarah E. (2019). Predicting the Effects of Sexual Assault Research Participation: Reactions, Perceived Insight, and Help-Seeking. *J Interpers Violence*. Sep; 34(17): 3592-3613.

KRAUSE-UTZ, Annegret. (2021). Stimulating research on childhood adversities, borderline personality disorder, and complex post-traumatic stress disorder. *Borderline Personal Disord Emot Dysregul.* Mar 30;8(1):1.

LAZARUS, Richard S.; FOLKMAN, Susan. (1984). *Stress, appraisal, and coping*. New York: Springer.

LAZARUS, Richard S. (2006). *Estresse e Emoção: Uma Nova Síntese*. Nova Iorque: Springer Publishing Company.

LAZARUS, Richard S.(1993). From Psychological Stress to the Emotions: A History of Changing Outlooks. *Annual Review of Psychology*, 44, 1-21.

LAZARUS, Richard S. (1966). *Psychological stress and coping process*. New York: Mcgraw-Hill.

LEVAC, Danielle; COLQUHOUN, Heather; O'BRIEN, Kelly K. (2010). Scoping studies: advancing the methodology. *Implementation Science*, v. 5, p. 69.

MATHEWS, Benjamin; PACELLA, Rosana; DUNNE, Michael P.; SIMUNOVIC, Marcella; MARSTON, Cicely. (2020). Melhorando a medição do abuso e negligência infantil: uma revisão sistemática e análise de estudos nacionais de prevalência. *PLoS One*. Jan 28;15(1):e0227884.

MILOJEVICH, Helen M.; NORWALK, Kathryn E.; SHERIDAN, Margaret A. (2019). Deprivation and threat, emotion dysregulation, and psychopathology: Concurrent and longitudinal associations. *Dev Psychopathol.* Aug;31(3):847-857.

OVERBEEK, Madelon M.; et al. (2021). Quality of mother-child dialogue about emotional events, coping and posttraumatic stress symptoms among children exposed to interpersonal trauma. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, v. 15, n. 2, p. 201-208.

PEARCE, Michelle E.; JONGBLOED, Kim A.; POOYAK, Shiva D.; BLAIR, Abbey H.; CHRISTIAN, Wayne M.; SHARMA, Ryan; MAZZUCA, Adelina; ZAMAR, David S.; SCHECHTER, Martin T.; SPITTAL, Patricia M.; & CEDAR PROJECT PARTNERSHIP. (2018). The Cedar Project: Explorando determinantes do sofrimento psicológico entre jovens indígenas que usam drogas em três cidades canadenses. *Saúde Mental Global*, 5, Artigo e35.º

PETERSON, Joanna; PEARCE, Pam; FERGUSON, Leah; LANGFORD, Catherine A. (2019). Understanding scoping reviews: Definition, purpose, and process. *J Am Assoc Nurse Pract*, jan 10]; 29(1):12-16.

PIOTROWSKI, Patryk; FRYDECKA, Dorota; KOTOWICZ, Kamil; STAŃCZYKIEWICZ, Bartłomiej; SAMOCHOWIEC, Jerzy; SZCZYGIEL, Katarzyna; MISIAK, Błażej. (2020). A history of childhood trauma and allostatic load in patients with psychotic disorders with respect to stress coping strategies. *Psychoneuroendocrinology*. May; 115:104645.

PORCERELLI, John H.; JONES, Jayne R.; KLAMO, Richard; HEENEY, Robyn. (2017). Abuso infantil em adultos na atenção primária: achados empíricos e implicações clínicas. *Jornal Internacional de Psiquiatria em Medicina*, 52(3), 265–276.

SCHWARZER, Ralf; SCHWARZER, Christina. (1996). *A critical survey of coping instruments*. In M. Zeidner, & N. S. Endler (Eds.), *Handbook of coping: Theory, research, applications* (pp. 107-132). New York: Wiley.

SHIELDS, Michael; TONMYR, Lil; HOVDESTAD, Wendy E.; GONZALEZ, Andrea; MACMILLAN, Harriet. (2020). Exposição à violência familiar da infância à idade adulta. *BMC Saúde Pública*. 2020 Nov 9;20(1):1673.

SERAFIM, Antonio de Paula; SAFFI, Fabiana; ACHÁ, Maria Fernanda Faria; BARROS, Daniel Martins de. (2011). Dados demográficos, psicológicos e comportamentais de crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. *Revista Psiquiatria Clínica (São Paulo)*. 38(4): 143-147.

SSULS, Jerry; DAVID, John P.; HARVEY, John H. (1996). *Personality and Coping: Three Generations of Research*. *Journal of Personality*, 64, 711-735.

SSPARROW, Sara S.; CICHETTI, Domenic V.; SAULNIER, Christine A. (2019). *Vineland-3 Escalas de Comportamento Adaptativo Vineland - Manual*. Pearson Clinical Brasil.

TAYLOR, Steven W.; GOSHE, Brenna M.; MARQUEZ, Sophia M.; SAFREN, Steven A.; O'CLEIRIGH, Conall. (2018). Evaluating a novel intervention to reduce trauma symptoms and sexual risk taking: qualitative exit interviews with sexual minority men with childhood sexual abuse. *Psychol Health Med*. Apr;23(4):454-464.

VAN MINNEN, Agnes; TIBBEN, Marloes. (2021). A brief cognitive-behavioural treatment approach for PTSD and Dissociative Identity Disorder, a case report. *J Behav Ther Exp Psychiatry*.

VERTAMATTI, Maria Aurora Felgueiras; ABREU, Lucia Cristina de. (2017). *Fatores associados à duração e severidade do abuso sexual infantil em São Paulo -Brasil*. Universidade de São Paulo, São Paulo.

VERONESE, Josiane Rose Petry; COSTA, Marli Marlene Moraes. (2006) *Violência Doméstica: quando a vítima é a criança ou adolescente – uma leitura interdisciplinar*. Florianópolis: OAB/SC.

WALLIS, Courtney R. D.; WOODWORTH, Michael D. (2020). Child sexual abuse: An examination of individual and abuse characteristics that may impact delays of disclosure. *Child Abuse Negl.* Sep; 107:104604.

WALSH, Kate; FORTIER, Michelle A.; DILILLO, David. (2010). Adult coping with childhood sexual abuse: A theoretical and empirical review. *Aggression and Violent Behavior*, v. 15, n.1, p.1-12.

WARNER, Erica T.; ZHANG, Yan; GU, Yi; TAPOROSKI, Thomas P.; PEREIRA, Ana; DEVIVO, Immaculata; SPENCE, Nicole D.; COZIER, Yvette; PALMER, Julie R.; KANAYA, Alka M.; KANDULA, Namratha R.; COLE, Steve A.; TWOROGER, Shelley; SHIELDS, Alexandra. (2020). Physical and sexual abuse in childhood and adolescence and leukocyte telomere length: A pooled analysis of the study on psychosocial stress, spirituality, and health. *PLoS One*. Oct 30;15(10):e0241363.

WERNER, Maria C. Milanez. (2008) Dinâmica do abuso sexual incestuoso à luz dos conceitos da teoria sistêmica. In: MACEDO, Rosa Maria S. *Terapia familiar no Brasil na última década*. São Paulo: Roca, p. 492-498.

VAN DELFT, Inge; FINKENAUER, Catrin; De SCHIPPER, J. Clasiën; LAMERS-WINKELMAN, Francien. (2021). Falando sobre sentimentos: diálogos de emoção mãe-filho entre crianças abusadas sexualmente. *Revista de violência interpessoal*, 36(9-10), NP4941–NP4963.

ZERUBAVEL, Noga; MESSMAN-MOORE, Terri L.; DILILLO, David; GRATZ, Kim L. (2018) Childhood Sexual Abuse and Fear of Abandonment Moderate the Relation of Intimate Partner Violence to Severity of Dissociation. *J Trauma Dissociation*. Jan-Feb; v. 19, n. 1):9-24

Recebido em maio de 2023.
Aprovado em julho de 2023.